



Um quadro de Josue Reynolds

Josue Reynolds, auctor do magnifico quadro cuja copia acompanha este nosso pequeno artigo, foi um dos artistas mais notaveis da Inglaterra, e, talvez, o que produziu maior numero de obras. Ao contrario dos seus compatriotas, os quaes, pela influencia do protestantismo, fugiram da pintura religiosa, para, quasi exclusivamente, se entregarem á pintura de genero, de paisagem e ao retrato, no que, raras vezes, ainda assim, foram felizes, Josue Reynolds agricultou em todos os campos, e, geralmente, nos seus quadros não se nota essa ausencia do ideal e do gracioso, que caracteriza a escola ingleza, nem tão pouco esse colorido fraco, que dá em resultado as telas apresentarem o aspecto de uma aguarella.

Nasceu, Josue Reynolds, em Plympton, no anno 1723. Mostrando de verdes annos grande propensão para a pintura, seus paes mandaram-lhe ensinar o desenho, no que, escusado é dizer, fez rapidissimos progressos; e, já senhor da arte, desejando conhecer as obras dos grandes mestres, passou á Italia, onde permaneceu por espaço de tres annos. Decorrido este lapso de tempo, voltou á sua patria e domiciliou-se em Londres, adquirin-

do desde logo a grande reputação que os seus talentos mereciam. Em 1769 foi nomeado presidente da Academia real das bellas artes e neste lugar se conservou até 1786, epoca em que ella foi transferida para Somerset House. Morreu em 1792.

Josue Reynolds foi tambem um theorico distincto: provam-no os discursos sobre a pintura, que elle pronunciou na Academia, e que são obras primas de analyse.

O quadro, que se vê reproduzido em a nossa gravura, intitula-se *A cigana lendo a buena-dicha*.

F. A. D'ALMEIDA.

A HYPOTHESE DE PROUT

(Continuado de pag. 40)

V

Quando maior era a celeuma, apparece novo campeão na liça, armado de ponto em branco, lança em riste e viseira caída. William Prout, chimico inglez, tomando o pseudonimo de Thomson, publicou em 1813 uma memoria intitulada: *On the relation of the specific gravities of bodies in their gaseous state and the weight, of their atoms.*

O illustre chimico prégava a unidade da materia, e dizia que todas as substancias, que a chimica donominava elementos, não eram senão manifestações provenientes do grão de condensação.

Esta hypothese, lançada na arena, fez o effeito de uma bomba. No meio da lueta encarniçada, ficaram todos sobresaltados, ao ver o modo simples e ao mesmo passo scientifico, mediante o qual, o audaz innovador cortava todas as difficuldades e explicava todos os phenomenos por disparez que fossem, referindo-os todos a uma mesma e unica força, a qual presidia já ao genesis dos soes, dos planetas, já á formação dos corpos, que compõem a Terra, e que continuamente se transformam e metamorphoseam.

A idéa, porem, com ser grandiosa, caio logo por demasiado metaphysica e indemonstravel praticamente, se bem que Prout lhe tivesse dado uma base apparentemente scientifica, dizendo que os pesos atomicos de todos os corpos são multiplos do peso atomico do hydrogenio, o que mostrava, ou parecia mostrar, que todos os elementos conhecidos são polymeros do hydrogenio.

A causa dos alchymios, a causa da racionalidade, a causa de Anaxagoras, a causa, que fôra vencida pelo positivismo inaugurado por Lavoisier e apostolado por Gav-Lussac, Thenard, Humboldt e Davie na chimica, apregoada nas mathematicas, com mais fortes motivos, por Lagrange, Poisson e a valente geração, que renegou Laplace, como o grande sueco, Abel, morto aos 27 annos, e ja tão illustre, que morreu, crente na gloria, apesar das palhas infectas do seu grabato; iniciada na physica e na astronomia, por Faraday, Arago, Biot, Struve, e tantos outros; essa grande causa, pleito eterno entre as duas unicas escolas philosophicas, após longa atonia, encontrára de repente um defensor, um Heitor, que só podia morrer ás mãos de um Achilles.

Para que nos possamos compenetrar completamente da influencia, que as idéas de Prout exercitaram, é necessario abrir um pequeno parenthesis.

No principio deste esboço historico-philosophico dissemos que os alchymios tinham obedecido á inspiração, e longe de seguirem um methodo deductivo e scientifico, o que aliás era quasi impossivel, haviam praticado o empirismo, como succede no começo de todas as sciencias.

O empirismo é a base do saber humano. Se a experiencia é a rasão soberana de todas as cogitações, balança, em cujos pratos se pesam todas as theorias, o empirismo, a intuição, o caminhar ás cegas no immenso mar do desconhecido, é, apesar de tudo, o guia unico e unico fanal, que conduz o experimentador nos seus primeiros tentames.

Este foi o grande serviço da alchymia, a qual, novo pelicano, ao passo que demonstrava as excellencias do empirismo, morria victima delle, por lhe exagerar o alcance, e esquecer-se de buscar o nexu philosophico dos factos descobertos.

Toda a sciencia da idade-media, todo esse la-

bular profundo, creador, mysterioso, que se desentranhou depois nas esplendidas conquistas, que assignalaram os seculos modernos, teve o seu primeiro genesis no consorcio de dois elementos oppostos — o empirismo e a philosophia grega, a analyse e a synthese.

Facto singular e admiravel! Facto digno de especial commemoração!

Tanto a philosophia grega, como o empirismo moderno, tiveram a sua origem na inspiração. Os gregos, herdeiros directos da sciencia do Oriente, irritaveis, poetas, contemplativos, indolentes como as ondas do mar Tyrrheno, respirando as fragancias de Chios e os balsamos amorosos da amorosa Cythera, sentiam natural repulsão ás minucias da analyse e da observação.

Dando, pois, largas á poderosa imaginativa, phantasiaram syntheses, em que o genio hellenico se expandio deslumbrante e creador.

Debalde o philosopho de Stagyra, mais observador, intentou crear uma escola distincta. Já então o genio da Grecia soffrera quebra; já então os seus philosophos, bardos, que entendiam melodias da natureza, haviam emmudecido.

Aristoteles não tinha o caracter grego. Era um philosopho todo de analyses, pesquisas e observações, e quando trata de ligar os factos observados, falta-lhe o condão magico.

O contrario acontecia com os grandes philosophos, que floresceram nos periodos aureos da Grecia.

O genio grego era, pois, synthetico. Repugnava-lhe a analyse, porque outra era a sua propensão.

Dahi vem que a antiguidade levou á derradeira perfeição a geometria, a synthese por excellencia, e deixou rudimentar a sciencia dos numeros.

Os trabalhos de Euclides, Apollonio e Archimedes attingiram as raias da perfeição, e ainda nos nossos dias a maior gloria de um grande geometra, o sr. Chasles, consiste em achar por meios indirectos, os celebres purismas de Euclides, que a escola de Alexandria havia herdado.

Euclides, resolvendo o problema do *quadrado da hypthenusa*, no ardor de uma batalha, como reza a lenda, é a imagem eloquente da tendencia synthetica e harmonica dos gregos.

Desta tendencia resultou que Aristoteles, com haver muitos discipulos, não achou quem continuasse a sua obra. Seneca e Plinio, captivos nos grilhões aristotelicos, não souberam observar. A escola de Alexandria, porque lhe faltou o dom da observação, substituiu ás leis naturaes leis absurdas, e adulterou os factos, apesar da sua divina eclectica.

Aristoteles, porem, era o centro attractivo e sympathico, em torno do qual se agrupavam todos os pensadores, qualquer que fosse a sua seita. Porque? É que uma grande revolução havia abalado os alicerces da civilização greco-romana.

O christianismo, pugnando pela liberdade, iniciara outra philosophia.

Embora os padres da Igreja e os doutores intentavam falsear ou restringir o grande principio

do mestre! A impulsão estava dada, e o proprio Juliano, uma das maiores cabeças da antiguidade, combatia a Igreja com a philosophia, a que ella dera o ser, porque o degma foi a principio filho da razão.

O principio da liberdade trouxe a analyse e a observação, já applicada ao proprio homem, no physico e no moral, já dirigida para o mundo exterior, terra, planetas, soes e estrellas.

Com o christianismo começou a analyse e o livre exame, ou, o que é absolutamente identico, a applicação do raciocinio puro á observação devida e aturada dos factos isolados.

O sonho de Anaxagoras e Socrates, aquelle no estudo da natureza, este no estudo do homem, realisara-se afinal. Religião e liberdade eram uma mesma idéa, eram uma synonymia, eram um lábaro sacrosanto.

Ao elemento christão ajuntou-se o elemento anthropologico.

Outros homens, vindos de outras regiões, com outros temperamentos e instinctos, livres e impetuozos, como as torrentes das suas montanhas, os barbaros, trouxeram a pertinacia invencivel, a teimosia inquebrantavel, que casada com a imaginação creadora do meio dia, ainda mais acalentou o genio da analyse, que então começava de levantar-se.

Aristoteles tornou-se, pois, o philosopho por excellencia. A Igreja recebeu-o como orthodoxo, e todas as confrarias juravam nelle e por elle.

Pythagoras, Thales, Platão, Epicuro, Anaxagores, toda essa pleiade de genios, que illustraram a Grecia, ficou tudo no limbo do esquecimento.

Começou então, sob estes auspicios, o longo periodo da idade media, vasto laboratorio de todos os elementos, de cuja combinação havia de surgir a civilisação moderna.

A historia vingou a idade-media. Hoje, ninguem ha que se atreva a apodar de infructuosos e nocivos a esses seculos de profunda elaboração.

Com a meia-idade surgiu o empirismo e a experiencia, começaram a delinear-se as sciencias e as artes, pela observação diuturna dos factos, se bem que a classificação e interpretação delles ninguem ousava buscar-as, senão em Aristoteles.

Entre a natureza e Aristoteles não havia hesitação nem escolha. Mais facil fôra alcunhar de anomala e hybrida a natureza, do que duvidar das palavras do philosopho.

Raiou emtanto a *renascença*, e com ella veio outra vez o verdadeiro genio da Grecia, a synthese.

Da combinação das duas alavancas, havia necessariamente de surgir o progresso.

E era para ver como se erguiam sabios por toda a parte.

Ao passo que novos descobrimentos, cada qual mais deslumbrante, assignalavam os dias dessa época memoravel, caminhava a philosophia a passos de gigante. O chanceller Bacon traçava, marcante audaz, o caminhar progressivo das sciencias. Descartes escrevia sobre o *methodo*, inaugu-

rava o systema dos *vortices*, e applicava a analyse numerica, dando-lhe a largueza e o desafogo, que comportam os symbolos e os algorithmos. Sciencias e artes, tudo caminhava, tudo prosperava.

Do seculo XV ao seculo XVIII a humanidade caminhou sempre, conquistando pela espada e pela penna, as franquias e os brazões que ennobrecem o homem — o ser intelligente.

Narrar os episodios dessa epopèa sublime, descrever essa lueta de cyclopes; dizer como se construiu esse edificio gigante, que tem por cupula um monumento — a encyclopedia, obra de d'Alembert, Dident, d'Holbach, Voltaire, Rousseau, filha de Locke, reunir tudo isso nos estreitos limites de um artigo, é exigir o impossivel.

Consideremos, pois, a philosophia depois da encyclopedia.

Ao tempo que a revolução franceza apregoava os *direitos do homem*, a analyse, por uma conclusão logica e fatal, tomou novo incremento.

Surgio então a escola positivista. Kant já a havia iniciado na Allemanha como o seu *criterium puro*.

O positivismo nasceu. Experimentar, experimentar, experimentar sempre, era o mote desses homens heroicos.

As descripções empoladas de Buffon, succederam os estudos profundos de Cuvier, Saint-Hilaire, Lamarck, e Blainville.

Lavoisier fundava a chimica na experiencia, na balança.

Os factos observados, quando a aguia de Napoleão caio em Watterloo, eram immensos.

E os obreiros proseguiram impavidos e invenciveis na sua obra.

Laplace explicava o genesis dos mundos, Cuvier reconstruia as edades paleontologicas.

Hegel, porem, obedecendo á reacção, que segue sempre a acção, apregoava a doutrina pantheista, doutrina synthetica por excellencia, e foi então que Prout appareceu, trazendo a sua hypothese, que com causar tanta admiração, pelo seu frescor juvenil, era archaica e remontava aos bellos tempos da Grecia.

(Continua)

A. OSORIO DE VASCONCELLOS.

LORD BROUGHAM

(Continuado de pag. 42)

II

Henrique Brougham nasceu em Edimburgo, de uma familia distincta, mas nem fidalga nem opulenta, no dia 19 de setembro de 1779. A familia de seu pae era da provincia ingleza de Westmoreland; sua mãe era escoceza e sobrinha do celebre escriptor Robertson, auctor das magnificas historias da America e de Carlos V. Foi debaixo da direcção deste grande homem que o joven Brougham começou os seus primeiros estudos, e nunça tão illustre iniciador franqueou as portas do templo do saber a tão illustre neophyto.

Não se manifestou logo de começo a vocação

politica de Brougham, o futuro chancellor de Inglaterra parecia, pelo contrario, ter uma grande predilecção pelas sciencias physicas e mathematicas; é verdade que foi sempre um dos caracteristicos do seu talento o gosto pelos estudos mais variados. «Lord Brougham é uma encyclopedia viva» diz um dos seus biographos.

Fosse como fosse a prematura superioridade do moço estudante das sciencias physicas (superioridade comprovada por um *Ensaio sobre a flexão e reflexão da luz*, que escreveu antes de completar os dezoito annos, e que teve a honra de ser publicado nas *Philosophical transactions*) uma superioridade tal não permitia aos astrologos mais peritos prophetisarem-lhe outra gloria que não fosse a de Newton ou a de Leibnitz. Não foi essa a unica prophesia que lord Brougham se comprouve em desmentir.

Comtudo os applausos com que o seu *Ensaio* foi acolhido estimularam-no a seguir o caminho que encetára, e, de volta de uma viagem que fez á Suecia e á Noruega, escreveu um outro ensaio scientifico sobre a *hyperbole conica e as relações da linha harmonica com as curvas de differente ordem*. Este novo ensaio abriu-lhe as portas da sociedade Real de Londres, e o que vale mais ainda talvez, mereceu-lhe o ser apresentado, como um joven mathematico das maiores esperanças, ao celebre Carnot, ao grande homem que fora theoreticamente o precursor de Bonaparte, na completa revolução que este ultimo introduziu na arte militar.

Tinha vinte e tres annos o futuro estadista, e esta apresentação a Carnot realisára-se na viagem que Brougham fez a Pariz, aproveitando, como tantos outros inglezes, a curtiissima tregua que recebeu o nome de paz de Amiens, e que suspendeu, durante um inverno, as hostilidades que durante vinte e cinco annos estiveram accesas entre a França e a Inglaterra, e cujas scintillas promoviam constantemente horridos incendios em todos os pontos da Europa.

O espectáculo da França altiva e feliz debaixo do governo esclarecido do primeiro consul, os deslumbramentos produzidos por esses milagres de administração, por essas grandes combinações da politica, exerceram maior influencia no animo do joven inglez do que os elogios de Carnot, por mais lisongeiros que fossem. Desde então o pacifico terreno da sciencia foi abandonado pelo Achilles politico, que sentia acordarem-lhe no intimo da mente os seus instinctos de estadista, assistindo ao espectáculo das grandes reformas republicanas, como o heroe d'Homero sentio referverem-lhe no sangue todos os seus instinctos bellicosos ao ver na mão de Ulysses lampear o gladio das batalhas.

De volta á Inglaterra, com grande espanto da sociedade illustrada de Londres, o joven Henrique Brougham, o supposto rival futuro de Newton, publicava um livro em dois volumes sobre a administração colonial usada pelas varias potencias europeas. O economista de vinte e quatro annos foi

tão applaudido como o mathematico de dezoito. Merecia os applausos a obra, merecia mais ainda, merecia um voto de reconhecimento da humanidade inteira, porque o talentoso mancebo proclamava bem alto a villania do commercio negreiro, e estampando o merecido estygma nessa iniquidade a que chamou «infame escravatura» mostrava-se pela primeira vez advogado duma idea, que sempre defendeu, e cujo triumpho que foi tão devido a elle como a Wilberforce, assegurou o florão mais esplendido, mais immaculado, mais nobre ao diadema da sua gloria parlamentar.

(Continua)

M. PINHEIRO CHAGAS.

EUGENIO PELLETAN

(Continuado de pag. 67)

VII

Acabemos com esta analyse. A moral e a metaphysica, que resultam do *humanismo*, encerram os mesmos vicios. No lyrismo de Pelletan divisa-se um sensualismo mystico, e erguem-se altares ás paixões. Os seus periodos sonoros, impregnados de infinita poesia, são apenas a apologia da sensualidade universal. Que todos se assentem á mesa do banquete, que desejo mais moral! que sentimento mais nobre! Mas que o banquete se transforme em festim de Balthazar! Nunca! É este o erro de Pelletan.

Acreditemos, porque é consolador, que a humanidade caminha e hade caminhar sempre. Acreditemos que o progresso é uma lei santa e eterna, condição essencial da nossa existencia. Acreditemos que os infelizes e reprobos, a quem a sociedade sonega os farrapos da miseria, hão de um dia depositar a lepra nas aguas lustraes da civilisação. Acreditemos que a ignorancia hade acabar na terra, e os homens formando uma vasta familia, irmãos na vida, como o são no berço e na tumba, hão de ajudar-se, amparar-se mutuamente. Acreditemos nisto. Quem sabe se a sciencia poderá alcançar este fim? A fé salva. Deixe-a aos desherdados, já que o pão lhes falta. Alterar, porém, a historia e a sciencia para provar que o homem póde ser omnipotente; dizer como Stirner: *Homo sibi Deus*; ou como Proudhon: *Deus é o absurdo*; exclamar, em phrase retumbante: «A vida! a vida! embriaguemo-nos com esta palavra, porque esta é a embriaguez sagrada. A vida é a esperanza, a vida é a immortalidade; a vida é a mediação do finito para o infinito, a destruição do limite, a arca divina lançada sobre o abysmo! «Affirmar que incumbe ao homem «desenvolver a sensibilidade pelo augmento de sensações, respeitar e augmentar o luxo...» propugnar estas doutrinas, ó magico estylista, ó divino artifice da palavra, é negar a natureza do homem, que queres exaltar; é pregar o materialismo sensual e o despotismo; é a adoração da humanidade pela humanidade; é a transformação do homem em bezerro de ouro; é a absorção do individuo pela massa; é concitar aos nobres feitos pelo egoismo. Não! A vida não é a embriaguez. A vida não

é natural! O trabalho não é a orgia! O homem não é escravo! A lei social não é a mira interesseira!

Trabalhem todos. Lutemos sempre no vasto e immenso torneio da vida. Não digamos somente: *erudimini, qui judicatis terram*; aperfeiçoemo-nos; mas não nos perca o orgulho. Entre nós e a perfectibilidade absoluta existe a natureza com os seus infinitos segredos, e a alma com as suas

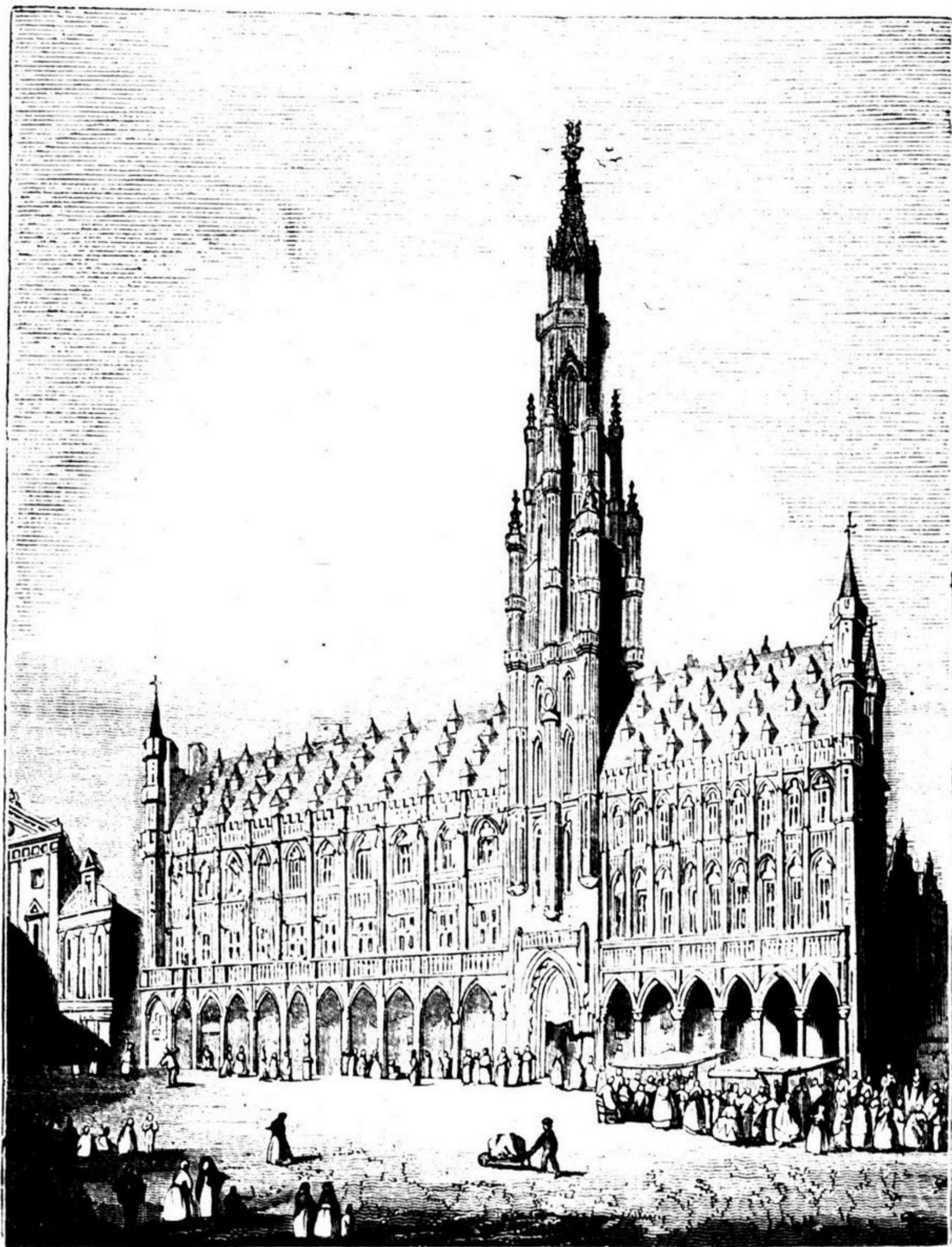
infinitas fraquezas. Entre nós e a perfectibilidade existe o infinito abysmo, que a somma dos finitos jámais poderá encher.

Trabalhe o homem, porque é livre, e só assim será effectivamente mónada intelligente da humanidade.

Que o homem seja livre pela razão, e sinta-se obrigado pela consciencia, como dizia Kant.

(Continua)

A. OSÓRIO DE VASCONCELLOS.



A casa da camara de Bruxellas

Que poderemos nós dizer aos nossos leitores, elles ignorado? — Que é a capital da Belgica? — relativamente á cidade de Bruxellas, que seja por Que, apesar da sua pequena extensão, floresce

hoje como as cidades de primeira ordem? — Que o numero dos seus habitantes se eleva, approximadamente, a duzentos mil? — Que as industrias, as sciencias e as artes, nestes ultimos annos, tem ali tido um prodigioso desenvolvimento? — Que possui praças espaçosas, ruas elegantes, passeios magnificos, e muitos edificios publicos dignos de attenção? — Que é a patria dos Duquesnoy, dos dois Champagne, de Van-Helmont, Vesalé, Van der Meulen, Feller? — Que, como a maior parte das cidades da Belgica, deve a sua origem a um oratorio humilde que S. Gery, bispo de Cambrai, mandara construir, no sexto seculo, em uma ilha formada por dois braços do rio Senne?

Tudo isto é muito sabido, e, além disso, já no terceiro volume deste semanario se fallou largamente a este respeito.

Limitar-nos-hemos, pois, a fazer uma brevissima descripção do edificio que se vê representado em a nossa gravura.

O *Hotel de ville*, ou casa da camara, é, de entre todos os edificios de Bruxellas, o principal, e mesmo a obra mais notavel de architectura gothica que se encontra em toda a Belgica. Está situada na praça denominada do mercado, que é a principal da cidade, e a sua construcção foi emprehendida pelos annos 1441. Conta quarenta e oito janellas para o lado da praça, em cujos intervallos ha outros tantos nichos ornados de estatuas dos homens celebres do Brabante, e corre por toda a sua frente uma arcada, quasi ao centro da qual, e por debaixo da grande torre, está a principal entrada. A torre, de forma pyramidal, e que é a parte mais formosa desta construcção, sobrepuja todos os edificios que a cercam; a sua altura eleva-se a trezentos e sessenta e quatro pés, tendo na extremidade um S. Miguel em bronze dourado, de, pouco mais ou menos, dezeseite pés de altura, que serve de catavento. Transpondo-se a entrada principal, encontra-se um pateo oblongo, onde ha duas fontes, ornadas cada uma com uma estatua de marmore e varias figuras allegoricas de rios. As salas, em geral, são grandes e ricamente decoradas, sobresaindo a que servia para as sessões dos estados geraes do Brabante. Finalmente, tanto a torre, como todo o resto do edificio, exteriormente, é construido de uma pedra azulada, que dizem ser de longa duração, e que lhe dá muita graça e elegancia.

F. A. D'ALMEIDA.

AS CORTES PORTUGUEZAS ANTIGAS

Rapida noticia da sua natureza e constituição: e apontamentos de alguns pedidos dos povos

(Continuado de pag. 85)

V

No artigo antecedente tive occasião de tomar nota de uma especialidade notavel, qual foi a da dissolução de um Estado ou Braço das Côrtes; e devo agora tomar nota de outra especialidade, que muito mais avulta, qual é a da *dissolução das Côrtes*, abrangendo todos os tres Braços, — dissolução, á qual já alludimos no 4.º artigo,

quando dissémos: «Se as Côrtes de 1674 fôram dissolvidas, como tumultuarias, por haverem querido examinar e fiscalisar as despesas do Estado.» — Aqui mais desenvolvidamente tratarémos dessa *dissolução de Côrtes*, que não faz muita honra aos ministros e conselheiros que a aconselharam a El-Rei D. Pedro II, nem sequer ao proprio Soberano, que, pessoalmente, se mostrava inclinado a imitações deploráveis.

O súsido Coelho da Rocha, muito expressamente, diz que D. Pedro II, querendo imitar o poder absoluto, que Luiz XIV se tinha arrogado sobre os Parlametos de França, e aproveitando-se da docilidade da Ordem do Clero, e da inferioridade da Nobreza, dispoz tudo para excluir as Côrtes inteiramente da ingerencia no governo. Porque as de 1674 pretenderam chamar a exame, e fiscalisar as despesas publicas, foram dissolvidas por tumultuosas.

E' a *Deducção Chronologica*, tão apaixonada contra uma ordem Religiosa; — é a *Deducção Chronologica*, tão systematicamente empenhada em explicar tudo pelas maquinações dos Jesuitas; — é a *Deducção Chronologica*, dizemos, quem nos hade patentear os motivos da dissolução das Côrtes de 1674. Atravez da vehemencia do seu odio á Companhia de Jesus, deixa ver com a maior evidencia quaes motivos influiram na dissolução, que hoje, e sem hesitação, podemos declarar estranhos á ingerencia dos Jesuitas, e só filhos do interesse que os povos começavam já a tomar pela boa administração do paiz.

Tomémos as cousas mais de principio, para bem podermos entender a *Deducção Chronologica*.

Em 1667 era embaixador de Inglaterra em Lisboa Roberto Southwel; e escrevendo em 11 de novembro desse anno ao secretario de Estado de Carlos II, Lord Harlington, pintava o estado politico e moral dos portuguezes com as côres mais carregadas. — No seu conceito, fossem quaes fôsem as mãos, em que viesse a cair a suprema auctoridade, seria necessario que decorresse mais de meio seculo para reduzir os vassallos áquelle grau de submissão e de obediencia, que devem ao seu soberano, e em que se achavam antes destas perturbações. O fundamento deste modo de ver as cousas, era que os mesmos vassallos se achavam em tão grande corrupção, e em tão grande soberba... que se exprimiam nos seus discursos de um modo tão licencioso como aquelle, com que se podia imaginar em qualquer republica.

A *Deducção Chronologica* julgou ver realisada a predicção do embaixador inglez quando foram celebradas as Côrtes do mez de janeiro de 1674; mas sempre obsecada pela paixão, vio tambem, nas manifestações de independencia e de verdadeiro patriotismo daquella assembléa, a *systematica obstinação dos Jesuitas em trabalhar na destruição da monarchia destes reinos*.

Mas a verdade tem mais força, por boa fortuna da humanidade, do que todas quantas prevenções de odio ha no mundo. A propria *Deducção Chronologica* vae apresentar-nos em boa luz, sem o querer, a realidade dos factos, e revelar-nos as nobres intenções que presidiam ao procedimento das Côrtes:

— «Nas ditas Côrtes se viram com escandalo publico a toda a Europa a Monarchia inteiramente aniquilada e reduzida a um notorio in-

terregno; o supremo poder (por sua natureza unico e individuo) *distacado, e dividido pelos congressos do clero, da nobreza, e dos povos: os referidos congressos conhecendo, e disputando publicamente sobre as forças do Erario, e suas applicações, com uma tão miuda inspecção,* que nem ainda no Parlamento de Inglaterra se achou que era praticavel, senão depois da *Convenção do anno de 1688,* e do *Acto chamado da Lista Civil;* em que a illuminada politica de el-rei Guilherme III, reservando para si as rendas destinadas para sustentar a magestade da sua real casa (rendas, que não importam menos de um milhão de libras esterlinas, ou dez milhões de cruzados cada anno), deixou a cargo da nação todas as outras despesas da marinha, do exercito, dos tribunaes, dos magistrados, e do pagamento das dividas, que, sendo da corda, se ficaram dali em diante chamando *nacionaes.*»

Querem maior clareza? O que se pretendia, era que o poder supremo não estivesse dividido entre o rei e as cõrtes; o que se pretendia era que as cõrtes só servissem para votar subsidios e impor tributos; mas de modo algum, que tratassem de conhecer e discutir as forças do Erario, e as applicações que se davam aos rendimentos publicos. — É por quanto houve uma assembléa, convocada pelo soberano, e legalmente constituida, que se deliberou áquella *miuda inspecção...* seja dissolvida por tumultuaria.

O exemplo que a *Deducção* citava da Inglaterra, é uma profanação da gloria immortal da famosa, e nunca assás louvada revolução de 1688, como adiante teremos occasião de vêr.

Mas continuemos a ouvir a *Deducção*: — «se viram disputas e protestos até sobre as mesmas nomeações dos ministros, que deviam reger a administração dos cabedaes do mesmo Erario, que é cousa, que nem ainda depois daquelle *Acto da Lista Civil* se praticou na mesma Inglaterra, onde são nomeados por El-Rei todos os ministros, que regem as finanças: se viram os negocios mais intimos do Gabinete, que tem por espirito vivificante o segredo, propalados, e controvertidos naquelles tumultuarios ajuntamentos: se viram os representativos que nelles figuravam, multiplicando questões, e objectos de frivolas disputas para ganharem tempo, e vencerem salarios com vexação dos povos, impedindo ao mesmo passo as decisões de tudo o que se tratava, como se fossem os Nuncios das Dietas de Polonia: se viram os referidos Tres Estados, e seus representativos, pretendendo cada um delles figurar per si mesmo, tomando a voz da authoridade soberana, até intentarem negociar fóra do reino, e impedir que nas Fronteiras houvesse cavallaria paga: e se viram finalmente as cousas reduzidas á confusão, e á desordem, que constituiram os urgentes motivos do conhecido Decreto de 16 de Junho do mesmo anno de 1674, pelo qual o senhor Rei D. Pedro mandou levantar as referidas Cõrtes já na presença de uma geral sublevação.»

A *Deducção* propoz-se a afeiar o quadro, e o ennegreceu quanto pôde. É provavel que nem tudo fosse moderação, prudencia, discrição no procedimento dos Tres Estados; mas na essencia eram justificadas as suas pretensões; e a dissolução das Cõrtes foi inspirada pelo desagrado, com que o Rei e os do seu Conselho viram uma assembléa representativa, penetrada do sentimen-

to do dever, e repassada de coragem, dispôr-se a examinar miudamente o estado da fazenda publica e os actos diversos da administração.

E a este respeito é muito significativo o *Assento* dos Procuradores dos Povos, datado de 19 de julho do mesmo anno de 1674, e escripto na Casa da Livraria do Convento de S. Francisco da Cidade. É este um documento que revela moderação e comedimento da parte dos representantes da nação, a par de uma firmeza de caracter, que lhes faz honra

Vou transcrever esse *Assento*, que nunca foi publicado pela imprensa, ao que me parece:

— «Aos 19 dias do mez de Julho de 1674 annos na Cidade de Lisboa, e casa da livraria de S. Francisco da Cidade, onde se costuma a juntar o Estado dos povos para conferir, tratar e resolver as materias concernentes a Cõrtes, quando se celebram segundo o antigo uso e costume destes reinos: *Sendo levantadas as presentes Cortes* por Decreto de 16 do dito mez do muito alto e poderoso principe D. Pedro, nosso Senhor, com o qual foi resoluta a consulta deste Estado de 15 do mesmo mez: se ajuntaram os Procuradores ao adiante assignados, e por todos juntos, e cada um em particular, *foi dito que elles tinham votado sobre as materias propostas como lhes parecera mais conveniente ao serviço de S. A. que Deos guarde, e bem commum destes reinos,* por cuja defenza, augmento e conservação, sendo lido e considerado o Decreto do dito Senhor de 20 de Janeiro, em que foi servido expôr a este Estado os presidios necessarios, e mais materias pertencentes ao Estado e conservação da monarchia, offereceram concorrer com um milhão cada anno, levantada a contribuição dos quinhentos mil cruzados que até ao presente se pagava, do 1.º de Janeiro futuro em diante, sendo lançada por usuaes, em que havia de entrar o tabaco, nos quaes effeitos sendo aceito o dito milhão, tomára o dito senhor por sua conta a arrecadação de quinhentos mil cruzados pelo effeito do tabaco, ficando o lançamento delle a seu arbitrio, havendo os povos por absolutos desta somma, e os outros quinhentos mil cruzados pelos usuaes offerecidos e propostos: cuja exacção, e ajustamento se hade commetter á Junta dos Tres Estados, como administradora dos mesmos effeitos, e composta de todos os tres Braços do reino: o qual milhão se offerece por tempo de seis annos, *passados os quaes se não continuará sem novas Cõrtes;* e que fazendo nos qualquer reino inimigo guerra offensiva, *chamará o dito senhor a Cõrtes,* para que seus vassallos concorram com tudo o necessario para a defenza do reino; podendo, emquanto se não ajuntam, valer-se da fazenda de seus vassallos para tudo o necessario á mesma defenza: e que por este termo ratificam tudo o proposto, conferido, e votado, e ultimamente resoluta pelo dito senhor, *debaixo das clausulas sobreditas na fórma dos termos e consultas que se fizeram e elles assignaram: e reconheciam por finadas e levantadas as ditas Cõrtes na fórma do Decreto do dito senhor:* e para memoria e firmeza de tudo o referido, determináram que se fizesse este termo, que todos os que estavam presentes assignáram. E eu Mendo de Foyos Pereira, Secretario das mesmas Cõrtes e Estado dos povos, o escrevi.» —

— Suppondo que os leitores tenham lido attentamente o que citámos da *Deducção*, relativa-

mente á revolução de 1688, em Inglaterra, tenho por conveniente offerecer agora ao seu bom juizo as ponderações de um grande escriptor politico dos nossos dias, e de uma auctoridade incontestavel em todo o mundo sabio, lord Macaulay.

Por essas ponderações ver-se-ha que o exemplo allegado pela *Dedução* revelava, que, ou de todo se desconhecia a significação e alta importancia daquelle memoravel acontecimento da historia de Inglaterra, ou arteiramente se queria lançar ás turbas uma interpretação capciosa, para adormecer as sciencias, e encobrir o que de menos liberal havia nas tendencias da governação do seculo XVIII, em Portugal.

Lord Macaulay faz sobresair a clausula que houve no contrato celebrado entre o principe de Orange e a Convenção, e vem a ser, — que Guilherme III se conformaria, em tudo, com o que parecesse ser o sentimento positivo e determinado do seu parlamento.

Qual era o penhor do cumprimento desta clausula? Era o facto de que o principe não tinha outro direito ao throno, senão a escolha feita pelo parlamento, e outro nenhum meio de se manter no throno senão o apoio do mesmo parlamento.

E assim, pôde lord Macaulay estabelecer muito afoutamente a seguinte asserção: «Todas as grandes e inestimaveis reformas, que de prompto se seguiram da revolução, estavam implicitamente comprehendidas nestas simples palavras: os lords espirituaes e temporaes, e os commons, reunidos em Westminster, resolvem o seguinte: Guilherme e Maria, principe e princeza de Orange, são declarados rei e rainha de Inglaterra.» —

Quaes foram essas reformas? Quizeramos acompanhar lord Macaulay em todos os seus sabios desenvolvimentos, na resposta a esta pergunta: mas, nem a natureza do nosso trabalho, nem as proporções do *Panorama* o permitem. Limitar-nos-hemos a apresentar uma rapida enumeração das reformas.

Entre os beneficios que a Inglaterra deve á revolução de 1688, figura em primeiro lugar a *tolerancia*, — a qual, embora ao principio fosse acanhada e mesquinha, encerrava, comtudo, em si mesma o germen do progresso, que o tempo se encarregou de fazer germinar, e deu nascimento á magestosa arvore que hoje admiramos naquelle paiz.

O segundo beneficio, essencialmente local, foi o de *libertar os escocezes da igreja que detestavam, e de lhes dar aquella a que tinham affeição.*

O terceiro e grande beneficio da revolução de 1688, e sobre o qual eu chamo particularmente a attenção dos leitores, é o da *radical mudança que se operou no methodo da concessão de subsidios.* — Era costume assegurar ao rei, no principio do reinado, o producto de certos impostos, que se julgava sufficiente para costear todas as despesas ordinarias da governação; ficando a distribuição do respectivo rendimento á discrição do soberano, sem dependencia alguma do parlamento. Se o soberano era pacifico, economico, — se os rendimentos dos tributos iam crescendo, como de feito foram sempre crescendo, — o soberano nadava na abundancia; mas, tendo elle disposições para a dissipação e para designios custosos, estava sempre pedindo novos subsidios. — a revolução adoptou um principio excellente, e cortou o mal

pela raiz. Votou ao soberano, não o producto variavel de taes ou taes impostos, mas sim uma somma fixa para sustentar a sua real casa e representação; e estabeleceu a regra geral e impreterivel, de que as despezas da marinha, do exercito, etc. seriam todos os annos sujeitas ao exame da Camara dos Commons, e que as sommas votadas não poderiam ser desviadas do seu destino. — Agora... calculem-se os effeitos directos e indirectos desta providencia, e comparem-se com as apreciações da *Dedução!*

Outro beneficio da revolução foi o de *tornar pura a administração da justiça nos negocios politicos.*

Mas, o mais apreciavel de todos os beneficios da revolução de 1688, foi o do *completo e definitivo estabelecimento da liberdade de imprimir*, — fazendo para sempre desaparecer a censura (opaco interceptor da luz), e dando á Inglaterra o mais solido apoio da sua liberdade. (1)

E agora... com as mãos na consciencia, digam se a *Dedução* devia — nem sequer boquejar na gloriosa revolução de 1688 na Inglaterra!

— No artigo immediato voltaremos ás nossas Cortes antigas.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

O coração que máis se inebria com o perfume das flores, é o primeiro em ser ferido pelos espinhos.

T. MOORE.

PSALMO

CXLVIII de David

O nome do Senhor seja louvado
nos céos e nas alturas.
Louvem-no estrellas, lua, sol dourado,
e angelicas creaturas.

Louvem-no de continuo os céos profundos
e as aguas lá de cima:
— louvem o nome do que fez os mundos,
a todo o ser anima,

e, dando luz a cada ser creado,
poz-lhe um preceito, que hade
permanecer constante, inquebrantado
por toda a eternidade!

Louve-o quanto na terra se sustenta,
louve-o até o averno;
louve-o a tempestade que rebenta,
fiel á voz do Eterno.

Louve-o o monte que a sua cumiada
ás nuvens alevanta;
louve-o a arvore, de fructos avergada,
louve-o a esteril planta;

A ave que vóa, a fera, o bicho immundo,
louvem-no a cada instante.
Povos e reis, novos e velhos .., tudo
em tudo o louve e cantel

Vizeu, 1867.

CANDIDO FIGUEIREDO.

(1) Veja os diversos e bellissimos trabalhos de lord Macaulay acerca da historia de Inglaterra.